

006

OUVINDO A COMUNIDADE SOBRE A DOENÇA MENTAL: UM ESTUDO DE BASE POPULACIONAL. *Camila Bandeira Pereira, Lílian Palazzo (orient.)* (ULBRA).

A partir da Reforma Psiquiátrica, têm-se proposto uma nova forma de atenção ao doente mental, fora dos hospitais psiquiátricos (HP) onde a comunidade tem papel relevante na sua reinserção social, mas se desconhece até que ponto está preparada para tal. Objetivos: descrever o que pensam os moradores de Canoas (RS), com 14 anos ou mais, em relação à doença mental. Método: estudo transversal descritivo, tendo sido sorteados 40 dos 391 setores censitários do município, escolhidas as casas aleatoriamente e entrevistados todos seus moradores (n=1954). Resultados: 84, 3% das pessoas não se importaria que um familiar seu namorasse alguém que já esteve internado em um HP; a grande maioria (96, 8) não se importaria de ter vizinhos egressos de um HP e 76, 8% contratariam alguém que já foi paciente de um HP. Muitos (41, 6%) crêem que os doentes mentais são mais agressivos ou perigosos que os demais; que o melhor local para baixar uma pessoa que tenha problema de nervos é um setor especializado em um hospital geral (48, 7%), mas para 36, 2% ainda é o hospital psiquiátrico. 73, 5% pensam que, para uma pessoa que usa drogas, o melhor é interná-la em HP. Do total da amostra, 24, 3% já consultaram com profissional da saúde mental. A grande maioria (97, 5%) nunca esteve internada em hospital psiquiátrico, mas 25.0% teve um familiar ou amigo muito próximo internado em HP. Conclusões: ainda que muitos aceitem contato próximo com pessoas portadoras de sofrimento psíquico e que tenham a noção de outros recursos assistenciais além do HP, ainda existe uma boa parte da população que estigmatiza o doente mental como alguém perigoso e que o hospital psiquiátrico é o local adequado para internação, principalmente daqueles que utilizam drogas. Assim, é necessário políticas de saúde que incluam efetiva educação da população em relação à doença mental.